

GAZETA LITERARIA,

O U

NOTICIA EXACTA

DOS PRINCIPAES ESCRIPTOS MODERNOS,

Confôrme a *Analytis*, que delles fazem os melhores Criticos, e Diaristas da Europa.

Obra periodica para o anno de 1761.

De que he Protecctor

O ILL.^{mo}; E EX.^{mo} SENHOR

JOAÕ DE ALMADA

E MELLO,

Governador da Cidade, e Provincia do Porto, e Brigadeiro dos Exercitos de Sua Magestade Fidelissima, &c. &c. &c.

PARTE II. DO VOLUME PRIMEIRO.

P O R

FRANCISCO BERNARDO DE LIMA,

Conego Secular do Evangelista

LISBOA,

M. DCC. LXI.

Com todas as licenças necessarias.

Vende-se no *Porto* em Casa do Capitão Manoel Pedroso Coimbra na rua dos Mercadores: Em *Lisboa* em Casa de Claudio du Beux, junto á Cruz do páu defronte do Palacio do Principal Leitaõ: Em *Coimbra* em Casa de Joaõ Jozé de Beux no largo de S. Joaõ do Bispo.

JOÃO DE ALMEIDA
E M E L I O
PART II DO VOLUME PRIMERO
FOR

FRANCISCO BERNARDO DE ALMEIDA
O que he de saber do Brasil

LISBOA
MDC LIX
Com a venda em Lisboa na Rua da...

L I C E N C I A S.

DO SANTO OFFICIO.

Censura do M. R. P. M. Fr. Urbano de Santo Antonio, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILLUSTRISSIMO SENHORES.

L a continuação da Gazeta Litteraria, que comprehende o mez de Outubro de 1761, e pertende mandar imprimir Francisco Bernardo de Lima: não lhe achei couza alguma opposta á nossa santa Fé, ou bons costumes, antes me parece muito digna do prelo. Vossas Illustrissimas mandarão o que forem servidos. Lisboa no Convento de S. Pedro de Alcantara 8. de Outubro de 1761.

Fr. Urbano de Santo Antonio.

V ista a informação, póde se imprimir a Gazeta, que se appresenta, e depois voltará conferida para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 9. de Outubro de 1761.

Trigozo. Silveiro Lobo.

DO ORDINARIO.

Censura do M. R. P. M. Jubilado Fr. Jozé da Madre de Deos, &c.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

L a Gazeta Litteraria de que trata a petição retro, e nella não achei couza alguma opposta a nossa santa Fé, ou bons costumes. Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa 22 de Outubro de 1761.

Fr. Jozé da Madre de Deus.

DO

Vista a informação pôde-se imprimir o papel de que trata a petição, e depois torne conferido para se dar licença que corra. Lisboa 23. de Outubro de 1761.

D. J. A. de L.

D O P A Ç O .

*Censura do Desembargador Ignacio Barbosa Machado,
Academico do Numero da Academia Real, &c.*

S E N H O R .

Parece-me esta obra legitima producção do grande talento de feu Author, que venero dos mais distinctos, que hoje ennobrecem este Reino de Vossa Magestade, que sempre mandará o que for servido. Lisboa 30. de Outubro de 1761,

O Desembargador Ignacio Barbosa Machado.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio; e Ordinario, e depois de impresso, e revisto tornará para a licença de correr. Lisboa 30. de Outubro de 1761.

Com tres Rubricas.

EXCELLENTISSIMO SENHOR

GAZETA LITERARIA.

Outubro de 1761.

PORTUGAL:

*Traçado das Evoluções Militares do Conde de Bombelles ;
Mestre de Campo General de Sua Magestade Christianissima.
Traduzido por Antonio Batiſta Velasco. Lisboa na Offici-
na Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, 1761. em 12.
de 141. paginas.*

O REGIMENTO, por que se devem governar os nossos Officiaes, he o de 20. de Fevereiro de 1708. mas além deste ter publicado em hum tempo, em que só se buscava fazerem-se as manobras com graça, quando hoje se busca de mais a celeridade, e presteza, não se determina nelle, se não os movimentos mais simples, e o que rigorosamente se chama Manejo. Nestes termos não se deve deixar de applaudir o cuidado daquelles, que buscam fazer familiares aos nossos Officiaes os escriptos dos que nas Campanhas adquirirão huma experiencia, que unida á razão pôde mostrar

o melhor modo de se executar os movimentos mais complicados. As regras escriptas por Mr. de Bombelles tem huma razão extrinseca para serem attendidas, por que este Official nas emprezas mais difficis, e nas Campanhas mais gloriosas dos Francezes, onde se achou, teve occasião de alcançar a experiencia de que fallamos.

O Tractado he dividido por Artigos, que por todos são 36. O primeiro cuidado do Official he em considerar o modo, com que se deve evitar a confusão. Por este motivo principia o nosso Autor a propor o modo de estabelecer a boa ordem, com que se póde facilmente usar de todos os movimentos. Para conseguir este fim he preciso dividir as Companhias em quatro Elquadras, e com ellas se facilita a boa formação, e naturalmente se executaõ sem se misturarem as Companhias humas com outras. Este he o assumpto do primeiro Artigo.

Nos seguintes depois de elle ensinar o modo, com que se devem formar os passos Militares, e definir estes diferentes passos, expoem o methodo infallivel para marchar em boa ordem aos inimigos. Para o conseguir, diz o Autor, cujas palavras aqui transcrevemos, he preciso que os Officiaes, que marchão na Vanguarda do Regimento, atravessem diante de si os Espontoens, pegando nelles com ambas as mãos na altura do boldrié, e com elles formem huma linha, ou barra parallelá á primeira fileira dos Soldados, dificultando lhes por este modo sahirem dos seus presis, e tudo he preciso em huma marcha violenta.

Quando o Sargento mór mandar, que se dobre o passo, principiarão todos com o pé esquerdo contando entre si hum, dois, ainda que o movimento seja o mais rapido, que se póde fazer.

Os Soldados levarão as baionetas na boca das armas, e os da fileira da vanguarda marcharão com ellas encostadas nos braços esquerdos, ou perfiladas com o corpo. Depois de se ter marchado algum espaço com toda a celeridade fará o Commandante sinal para o que os Officiaes rompaõ as linhas, que formavaõ os espontoens, e avançando alguma couza mais, que os Soldados os traçarão nos braços esquerdos apresentando a choupa aos inimigos para o romper, e ao mesmo tempo os Soldados da fileira da vanguarda calarão as armas, e os das ou-

tras fileiras as poráõ á frente para se servirem dellas, quando lhes for ordenado.

Deve-se dizer, que a linha de espositoens he summamente precisa, quando o Batalhaõ houver de combater com armas brancas, por que havendo aquelle impedimento na vanguarda não he facil defunir-se os Soldados nem marcharem huns mais, que outros: e quando chegar á distancia conveniente os Officiaes marcharáõ fóra das fileiras, e na frente das suas divisoens devem com todo o acordo dár exemplo aos Soldados aumentando-lhes o valor taõ proprio da naçaõ Franceza. A celeridade, com que este ataque se deve fazer he indizivel, e será bom que no conflicto por alguns momentos se grite *mata mata*. Estas vozes atemorizaõ muito os inimigos, e as que se dérem de *viva El-Rey* aumentarãõ o animo dos nossos Soldados.

Depois de se terem feito alguns passos marchando como fica dito, mandará o Commandante fazer alto para descansar o Batalhaõ, e perfilar os Soldados, e se houver de se continuar a marcha tornarãõ os Officiaes a unir se á fileira da vanguarda, formando com os espositoens a barra que fica dito.

Quando se mandar marchar mais de vagar, se os Officiaes, e Soldados tiverem levantado o pé direito para formar o passo, não deixarãõ de o acabar com a mesma prontidaõ, e só com o esquerdo devem principiar todos a marchar moderando o passo, e contando sempre hum, dois.

No artigo X. dos toques dos tambores a respeito dos passos militares trata Mr. de Bombelles dos differentes toques de caixa, que se devem fazer tanto para o manejo, como para as evoluçoens; porém o Traductor deixa de os mencionar, por que como não se conhecem alguns delles he impossivel fazer a traduçaõ, e parece materia indifferente serem estes, ou aquelles os sinaes para se executarem os movimentos, podendo os Commandantes dos corpos usar dos que lhes parecerem mais acertados.

Quer o Autor, que não se deve seguir o methodo de unir hombro a hombro, e ficar o braço direito do Soldado quasi debaixo do esquerdo do seu camarada por não parecer justo,

que a huma nação intelligente lhe seja preciso usar desta prevenção tão embaraçada para conseguir o marchar em boa ordem. Estas são as suas palavras: „ Não se póde negar, que a „ grande uniam faz marchar solidamente a Infantaria, mas tam- „ bem se arrisca a perder muita mais gente, por se empregar „ melhor o fogo dos inimigos em hum Batalhaõ tão unido, e „ os Soldados muito apertados nas fileiras não pódem operar „ com liberdade. Quanto mais que a frente de hum Batalhaõ fica „ tam diminuta com a grande uniaõ de hombro a hombro, que „ outro Batalhaõ, que marchar com a liberdade precisa, ainda „ que igual numero de gente lhe póde atacar a frente, e flan- „ COS.

Estas razoes parecem solidas; mas não será justo, que os Commandantes fação marchar unidos os Soldados, não só para os acostumarem a marchar ordenadamente nos lugares apertados, mas para evitar todo o perigo da defuniaõ, que os mesmos Soldados exercitados pódem motivar, ainda nos lugares mas largos? O Rei de Prussia, que pelos seus escriptos, e accõens tem dado evidentes provas de que conhece perfeitamente a arte Militar, de alguma fórte recommenda esta uniaõ, quando nos seus Reglamentos para a Infantaria manda, que os Soldados na marcha nunca abram as suas filas. Muitos dos nossos Officiaes fazem executar esta uniaõ, e só quando os Batalhoens se fórmaõ em batalha, fazem pôr os Soldados em distancia conveniente para poderem obrar livremente. Isto temos visto executar muitas vezes com bastante presteza, e graça.

No modo de instruir, e de guiar os Soldados há Officiaes, que imaginãõ que só á força de pancadas lhes pódem ensinar aquillo que a sua ignorancia, e máu modo lhes faz ser imperceptivel. O Autor na verdade concede, que há homens, que he preciso levalos ao combate por este cruel meio, mas diz, que outros menos grosseiros, e mais sensiveis seguem os passos da honra, e olhaõ para o exemplo, que lhes daõ os seus Officiaes. Algumas fallas feitas a tempo por hum General valeroso infundem grande animo nos Soldados, e muitas vezes decidem a victoria. Aqui não se esquece o Autor de apontar aquella celebre, e breve falla, que Henrique o Grande de França fez ás suas Tropas no instante que estava para dar a batalha de

Ivri. „ Meus companheiros, vós sois Francezes; eu sou o vosso „ Rei; ali está o Inimigo.

A contra marcha por filas he huma evoluçãõ, que se pôde executar com facilidade em varias occasioens, trocando a fileira da Vanguarda pela da Rectaguarda, principalmente, quando o terreno naõ permite fazer-se a conversãõ, de que o Autor falla no Artigo nono. O Principe de Orange, que foi hum grande Mestre da Arte Militar, debaixo de cujas Ordens fez as primeiras Campanhas, o immortal Turena, diz nas suas Memorias, que prefere a contramarcha á conversãõ pela brevidade, com que se executa. Mr. Billon no seu livro intitulado *Principios da Arte Militar* estima a contramarcha mais, que a conversãõ para trocar a Vanguarda pela Rectaguarda. Lofstelnau, Sargento mór de Batalha de Luiz quatorze faz muito caso desta Evoluçãõ, e ensina os diversos modos de a practicar. O nosso Autor depois destas authoridades determina, que por pouco conhecimento, que se tenha da sua utilidade, naõ naõ deixará de se exercitar a Infantaria nesta Evoluçãõ até a saber perfeitamente. De quatro modos se há de fazer a contramarcha, além da que se faz por fileiras, meias fileiras, e quartos de fileiras. A primeira se executa por filas em distancia: a segunda marchando os Soldados unidos hombro a hombro: a terceira ganhando o terreno: a quarta seguindo a fila. Para se comprehender perfeitamente o modo de executar estes movimentos, he preciso ter diante dos olhos algumas das estampas, que estão no fim da obra; por esta razãõ naõ damos hum mais ampla, e miuda explicaçãõ sobre este assumpto.

A fórma do quadrado he huma Evoluçãõ estimavel, e a Infantaria se tem servido della com facilidade em muitas occasioens, sendo atacada, e cercada por hum corpo superior em Tropas. O Autor aponta tres diferentes especies de Batalhoens quadrados. Porém para evitar toda a confusãõ reduziremos só a duas; o quadrado cheio, e o quadrado vazio, vulgarmente chamado pelo Militares *praça vazia*. A fórma do quadrado cheio he, segundo o Autor, pouco defensavel, sendo composto de menos de 600. até 700. homens: quando tem maior numero, se faz defeituoso pelo seu grande pezo, e he quasi impossivel fazelo mover sem grande desordem: quanto
mais

mais, que as filas do centro são inúteis por não poderem fazer fogo: e por isso deixão de se praticar.

A praça vazia sobre a marcha se fórma por quartos de fileira sem deixar os angulos abertos para entrarem nelles os Granadeiros; por que com o piquete devem ficar dentro da Praça para o guarnecer, e formar hum corpo de reserva.

A marcha da columna se regula de fórte, que os intervallos dos quartos das fileiras sejam iguaes á sua frente: e quando houver de se formar a praça, o Sargento Maior dá as vózses seguintes: 1. Sentido. Para formar a praça vazia por quartos de fileira, o quarto do lado direito fórma a Vanguarda da praça, o quarto do centro da direita o lado esquerdo, o quarto do centro da esquerda, o lado direito, e o quarto do lado esquerdo a Rectaguarda. 2. Marcha. A esta voz o quarto do centro do lado direito faz quarto de conversão sobre o lado esquerdo; depois do que o quarto do lado direito, que ficou firme, dá meia volta á direita, e marcha seis passos a Rectaguarda para fechar o angulo da esquerda. O quarto do centro do lado esquerdo marcha em frente, e faz alto seis passos antes de chegar á face do lado esquerdo; e depois faz quarto de conversão sobre o lado direito, ficando a primeira fileira perfilada com a ultima fila do lado direito do quarto, que faz a Vanguarda da praça para fechar o angulo da direita. O quarto do lado esquerdo marcha em frente, e antes de se fechar a praça se manda dar á meia fileira do lado direito meia volta á direita, e fazer meia conversão central, ou a contramarcha por filas: neste tempo a Companhia de Granadeiros, e o Piquete marchaõ pelo lado esquerdo, e entraõ para dentro da praça; depois do que o quarto do lado esquerdo, marcha a fechala, entrando seis passos pela Rectaguarda da face do lado direito. A Companhia de Granadeiros abre por meias fileiras, e fica guarnecendo os angulos interiores da Vanguarda da Praça, e o Piquete executa o mesmo nos da Rectaguarda. O Commandante com as Bandeiras, e a Guarda dellas marchaõ para o centro. Para romper a praça, e continuar a marcha em columna póde o Leitor vêr o §. 2. do mesmo Artigo, que acabamos de transcrever.

A Praça vazia póde ter duas fórmas, que são o verdadeiro quadrado vazio, em que todas as faces são iguaes, e o parallelogramo, ou o quadrado longo vazio, no qual só as faces oppostas são iguaes. O Autor julga, que de todas as Evoluções, que se podem praticar na Infantaria para fazer huma retirada, nenhuma he menos composta, nem mais facil, e vantajosa, que a fórma do quadrado longo vazio. Nisto não concordão muitos practicos; pois conhecendo os naturaes defeitos da Praça vazia em geral, substituem em seu lugar as columnas Francezas de Retirada, e de Ataque. Os Officiaes experimentados poderão julgar, qual destes modos deve ser preferido.

O Autor não propoem outros modos de formar a praça vazia, por lhe parecerem mui sujeitos a calculações, e a outros inconvenientes: e nós accrescentaremos por serem inutis, e ainda perigosos. Elle ainda depois de ensinar as cortezias, e o manejo dos espointoens, e das alabardas conclue a obra com hum Artigo, em que trata das medidas que se devem tomar para fazer o acampamento de hum Batalhão de treze Companhias.

A traducção parece-nos estar bem feita, e escripta com clareza. Estimamos, que os Officiaes, que hoje já vão conhecendo, que o estudo não he incompativel com o seu valor, achem as doutrinas das Evoluções em hum livro, que pelo seu volume não os há de fatigar. Ainda que a modestia do Autor o obrigue a dizer no Prefacio, que por nenhum modo se lembrou de dar lições aos Officiaes applicados, cremos, que estes não deixarão de agradecer a elle, e ao traductor esta obra, onde se expoem todas as regras das Evoluções, pelas quaes principia a grande Arte da Tactica acompanhadas de reflexões sobre varios modos, movimentos, e manobras, como sobre as conversões, sobre os fogos da Infantaria, sobre os fogos, e união das filas, e fileiras, e além de outras sobre a columna, fórma tão respeitada, depois que o celebre Francez o Cavalleiro Folard mostrou a sua força, e importancia na Guerra.

Toda a Obra tem 141. pag. não contando a Dedicatória do Edictor ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Luiz da

da Cunha, Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra, o Prefacio, e huma Advertencia preliminar, onde se explicaõ alguns termos, como Serrafila, Serrameiafila, Frente de Bandeiras, &c. que a alguns Officiaes poderiaõ parecer novos, e estranhos. Já que o Traductor fez com esta traducção bastante serviço aos noslos Officiaes de Infantaria, esperamos que tambem o estenda aos de Cavallaria, que por não terem Regimento fixo, por onde se guiem, são os que mais necessitaõ de obras, em que se ensinem as suas Evoluções. He facil o executar este serviço, por ser a doutrina da Cavallaria mais limitada, que a da Infantaria; e por haver na mesma nação Franceza, que por confissão da sua emula a illustre nação Inglesa, excede a todas as outras na Sciencia Militar, bastantes livros dedicados ao fim, de que fallamos. Parecem-nos proprios para o intento os *Elementos de Tactica* de Mr. le Blond; onde se ensinaõ as Evoluções de Infantaria, e de Cavallaria. Huma traducção desta obra acompanhada de alguns augmentos seria utilissima aos noslos Militares, a quem desejamos toda a instrucção na sua profissão, para que possa ser completa a utilidade, que este nobre estado de gente dá á Patria, que deve defender.

Carta de Thomaz Delany Professor Regio da Lingua Grega, ao Autor da Gazeta Literaria, sobre a simplicidade do estilo.

Meu Senhor.

O Projecto, em que vos-tendes empregado de nos-dár huma breve noticia das melhores produções de todo o genero, em que se distinguem os grandes Homens do Mundo Literario, he sem duvida digno de todo o louvor, e sendo bem executado como he, não pôde deixar vos-procurar hum lugar distinto entre aquelles,

quelles, que trabalhão para adquirir o bello titulo posso que raras vezes affaz premiado, de bemfeitor da Patria Hum Seculo taõ illuminado como he, o em que estamos, sem duvida vos inspirou este louvavel desígnio de não soffrer, que Portugal ficasse mais tempo privado do meio, que os grandes Homens de fóra julgáráo mais conveniente para espalhar, e fazer que se conheçaõ aquelles partos de engenho, que ao mesmo tempo illustraõ o Seculo em que estamos, os engenhosos, Autores delles, e a mesma humanidade. Eu sinceramente me felicito a mim mesmo, e a este Reyno aonde pela incomparavel bondade de Sua Magestade acho huma nobre subsistencia sem que para ganhála na propria Patria me seja preciso offender a consciencia em cumprir com humas Leys demaziadamente rigorosas, por não dizer peor, para ser compativeis com a minha Religiaõ. Seria eu o mais indigno dos homens se não recebesse o maior gosto em vêr, que Portugal entra agora de novo naquella illustre carreira, em que dos tempos mais remotos se tem mostrado dignissimo competidor de todo o genero de gloria. A gratidaõ, o amor do genero humano, e ainda o proprio interesse conspiraõ para a producçaõ dos desejos, que tenho de vêr a terra, que me agazalha empenhar-se em fim em produzir frutos dignos do genio dos seus filhos, e da fama dos seus antepassados. Por que supposto ser o vosso intento fallar só dos livros modernos não deixareis sem duvida de fallar tambem naquellas producçoens da terra Lusitana, que nos felices Seculos, que as produzirão, espantáráo o mundo, e o faráo indubitavelmente de novo quando pelo meio da vossa Gazeta Literaria tornarem a tirar-se daquella escuridade, em que a vergonhosa negligencia, ou malicioza Politica dos ultimos Seculos as deixáráo jazer sepultadas. Hum Estrangeiro instruido chega a este Reyno, e levado daquella curiosidade inseparavel dos espiritos amantes das Sciencias, pergunta a hum natural da terra se na Lingua Portugueza há algumas obras com cuja liçaõ se possa aperfeiçoar no conhecimento della; que se lhe responde vulgarmente? Vós sabeis sem duvida, que hum triste, e mentiroso não he a costumada resposta. Que diráo os Estrangeiros? Que diráo os Portuguezes? Quando reflectindo nos Seculos passados achaõ, que antes de Italia poder jactar-se dos seus Tassos, Inglaterra dos seus Shahspears, ou Miltons, e França dos seus Corneilles

já Portugal possuia hum dos primeiros Poetas Epicos do Mundo? Os profundamente doutos da Europa, e os Portuguezes sem eu mencionar a Camoens, sabem que a elle pertence este titulo: e aos mediocrementes verçados na Literatura deixo o vaõ prazer de imaginar, que só ás suas respectivas Patrias foi concedida pelo Ceo a producção destes Heroes das bellas Artes. Não devo porèm dissimular a persuasão, em que estou de que os mesmos Portuguezes foraõ a causa original do esquecimento, em que jaziaõ há tanto tempo os seus honrados competidores da gloria Literaria. Provieste isto de que motivo fosse, he certo que a bandonando a nobre *simplicidade* destes originaes, cahirão os Autores subseqüentes nos erros mais grosseiros, e alheios da verdadeira composiçaõ; e o que he mais digno de admiração perdêraõ interiormente aquelle respeito, que com a boca pertendiaõ ainda conservar para este Poeta. Digo que perdêraõ este respeito, e parece, que a melhor prova, que se pôde dár desta verdade he a tenacidade em que perseveráraõ a desviar-se daquella maneira de escrever, que sendo só adaptada, e compativel com a bella natureza só se acha por aquelles que não procuraõ outra couza mais que quadrar as suas composicoens com as rigorozas, e inalteraveis regras della. Tomando a puerilidade, e a simplicidade por termos synonimos, ou não sabendo cultivar esta sem cahir naquella, produzirão huns laboriozos, e inchados *nadas*, que ao mesmo Dedalo custaria a desenredar. Verdade he, que não só em Portugal se sentiu este vicioso gosto de composiçaõ: não há nação na Europa, onde a seu turno não prevalecesse este inutil por não dizer pernicioso estilo, e a unica gloria, que as naçoens de fóra se podem arrogar he a de o ter já desterrado das suas producçoens. Isto em fim se fará tambem em Portugal, e não duvido, que vós não sejaes o mais fórte impugnador do que he falso na composiçaõ, tanto no que respeita aos pensamentos, como no que respeita ao estilo.

Levado desta esperanza me atrevo agora, posto que Estrangeiro a discorrer em Portuguez sobre o estilo simplez pondo assim fundamento para alguns reparos, que tenho feito em Camoens, os quaes sem explicar a minha idéa do simplez talvez não seriaõ intelligiveis. Se o que differ sobre esta materia vos agradar ficarei mais certo de que a minha idéa he a verdadeira idéa delle, e se
 não

naõ vos agradar terei o gosto de me aproveitar das vossas mais acertadas definiçoens. Naõ me cansarei em examinar se o que disser he absolutamente novo, nem hei de tener o nome de plagiario, posto que as minhas idéas se achem assimilhadas ás de qualquer outro Autor. Da mesma sorte, que huma fonte, que corre pelas minas dos metaes preciosos, assim o entendimento na liçaõ dos bons livros ás vezes sem reparar incorporá as idéas alheas com as proprias sem que por isso seja digno de vituperio, ou se lhe possa objectar o titulo de plagiario.

Digo pois, que a *simplicidade provem da verdade, e importancia dos pensamentos revestidos daquellas figuras, e daquelles termos, que forem adaptados para fazer, que se concebão com facilidade.* Se faltar qualquer destas circumstancias, fica destruida a simplicidade. Se for falso, ou trivial o pensamento, posto que exprimido nos termos mais nobres, naõ he simplicidade; nem o he tam pouco, se o pensamento posto que verdadeiro, e importante for revestido de expressoens, ou figuras, que procuraõ mais occupar o entendimento do Leitor, do que excitarem nelle as idéas de que taõ vehiculo. Supposta pois esta definiçaõ ser verdadeira, a primeira, e mais importante consequencia, que della se póde tirar he, que naõ só o estilo familiar, o narrativo, e didactico mas ainda o pathetico, e o sublime só entaõ alcançaõ o maior auge de perfeiçaõ quando estaõ acompanhados do simples, e se fundaõ nelle.

Eu bem sei, que a muitos parecerá pouco digna de reparo, ou ainda desprezivel esta doutrina. Os que naõ podem proferir a palavra *Céo* sem lhe acrescentar o Epitheto de *Coroado de estrelas*, nem a do *Sol* sem lhe ajuntar *resplandecente* citarão sem duvida aos seus parciaes milhares de textos para confirmar o uso destes termos falsamente decorados com o titulo de *sublime*. Eu podéra com facilidade responder, que em toda a parte os máus textos, e Authores se podem citar por milhares, mas os bons, nem por centos. Porém naõ quero valerme desta resposta. Direi sómente, que he o *abuso*, e naõ o *uso*, destes Epithetos magníficos, que impugno. Se for o intento do Autor, ou do Orador excitar em nós a idéa do *esplendor da Estrella do dia* tem razaõ de se servir das palavras mais adaptadas ao seu intento. Fale embora do *Céo coroadado de Estrellas*, quando o seu principal ponto he fixar a nossa

atenção naquelle campo de maravilhas. Mas para que serve distrahir a nossa atençaõ quando nem para hum, nem para outro destes fins caminha o discurso, ou composiçaõ? Dezenagem-se em fim os parciaes do estilo inchado, e saibaõ, que o que tem conciliado aos Homeros, aos Demosthenes, aos Aristoteles, aos Xenophontes, aos Herodotos, &c. o respeito de todos Seculos he o caracter da simplicidade. Nem o divino enthusiasmo do Poeta, nem o impetuoso fogo do Orador, nem a aprazivel doçura do Historiador, nem a profunda subtileza do Filosofo já mais os levaõ fóra do simples. Summamente sublimes, summamente suaves, summamente subtis, tambem saõ summamente simples. E com effeito aquelles ornamentos locaes, e arbitrarios do estilo saõ imperceptiveis aonde a lingua não se falla, e quando deixar de se fallar. A simplicidade he a universal, e unica pedra de toque de todas as composçoens. Todos os outros ornamentos saõ passageiros; este he eterno. Os Sermoens de poderiaõ, e poderiam com effeito ganhar o applauzo dos seus ouvintes, mas nunca o de toda a posteridade. A intemperada imitaçaõ dos periodos ciceronianos, a affectada, e obscura brevidade do laconismo faustiano tem adquirido admiradores, e sequazes. Mas torno a dizer, que só a *verdade, e importancia do pensamento vestido daquellas figuras, e daquelle estilo, que forem adaptados para fazer, que o entendimento o perceba chegaráõ á mais remota posteridade.*

Há pouco, que disse, que se perdêra aquelle respeito, que se pertedia conservar para Camoens. Digo, que o mesmo se fizêra a respeito de Virgilio, de Horacio, e de todo o Autor antigo cuja maneira sevêra, e castigada curaria, e ensinaria todo o Leitor, que os lesse com amor, e atençaõ por que ordinariamente imitamos, o que amamos.

Eu não ignoro, que não falta quem diga, que a hum Ecclesiastico não convem as liçoens destes Autores profanos, mas sim unicamente a das Sagradas Escripturas, do Breviario, e dos SS. PP. Se com effeito o abster-se dos Autores profanos proviesse de huma assidua applicaçãõ aos Sagrados louvava a diligencia; mas nem por isso assentia na asserçaõ de que a hum Ecclesiastico não convinha lêr os Escriptores profanos. Mas que direis Amigo. e Senhor deste pretexto sabendo, que só servê para encubrir huma
vergo:

vergonhosa ociosidade? Prouvera a Deus, que fosse couza difficultoza provar esta insinuação! Mas huma revista quotidiana dos estudos! Porém largo huma indagação, que não me toca. O uso, que estes Senhores fazem do Breviario não o sei, mas das Sagradas Escripturas, e dos SS. PP. ouço mil citações mui fóra de proposito, e que no original querem dizer ás vezes couza muito diversa, da que se quer provar. Até agora todo o Mundo estava na fé, que as estrellas, que apparecêraõ aos do Oriente, que vinhaõ adorar o nosso Sanctissimo Redemptor, não apparecêraõ para outro fim. Mas quam limitados são os entendimentos humanos! Só há oito, ou nove annos he que muito engenhosamente se descobriu, que estas estrellas eraõ precursoras de hum Cometa, que apparecêra para anunciar o nascimento do Senhor Bispo defunto do Porto.

Mas que? Para nos apaifeoar no simplez, nos he absolutamente preciso occuparmo-nos na lição de Virgilio, Homero; Demosthenes, &c? Quereis, que vos diga sinceramente o que sinto nesta materia? Eu não vejo mal algum, que disto possa resultar. Mas quero seguir a estes Senhores ainda dentro do seu proprio terreno: digo pois, que nem em Homero, nem em Demosthenes, nem em Aristoteles, nem em Cicero, nem em Virgilio, nem em Horacio, nem em parte alguma pôdem elles aproveitar-se tanto, quanto nas Sagradas Escripturas. He a eterna, e exclusiva honra da nossa Sanctissima Religião, que o vehiculo das divinas revelações inalteravelmente conserva este caracter da simplicidade. Na maior elevação do sublime dos Psalmos, de Job, de Isaías, &c. quando os abraçados Autores voaõ para aquelle Ceo, que os inspira não perdem a simplicidade; não se fervem de termos, que não sejaõ os mais idoneos para excitar em nós as idéas, que os arrebatão inflamados. Quanto amor, quanta ternura, quanta doçura nos Sermoens, e nas Praticas do nosso Beatissimo Redemptor! Que he dos termos fallamente predicados de sublimes? Oradores terrenos! no pulpito, e fóra del- le imitai este em tudo, tanto na vida, como no modo de pregar. Nunca cuidadosos da vossa propria gloria seja o vosso ultimo fim a do Omnipotente, persuadidos que assim só alcançareis ainda os applauzos humanos se por ventura de similhante vaidade vos cativais. Estudai o coração do homem, os movimentos da
sua

lúa alma, a maneira de a commover, temperar, refrear, transportar. Abandonai a ridicula teima de continuar a torcer, e crucificar huma pobre, e solitaria idéa até que em fim os ouvintes não sabem que couza he o que se quer dizer. Fallando da vacillação de S. Pedro, e citando a Job, aonde compara o amor humano com a sombra, para que serve entrar em huma disquissão anatomica do amor, e da sombra. „ No amor (elevada a voz na syl-
 „ laba *mór*) tudo he ternura, tudo he transporte, e deleite; na som-
 „ bra (voz elevada,) tudo he negro, &c.„ Póde haver maior frioleira? A comparação em Job he bella, he verdadeira, he intelligivel, a disquissão he trivial, pueril, e falla; por que todos nós sabemos, que sendo a sombra huma privação da luz geralmente participa alguma couza da côr do objecto, que entrecurta os raios do Sol, ou corpo illuminante. A lem de que parece, que o mais grosseiro Lavrador sabe instantaneamente, que a similhaça do amor humano à sombra consiste em ambos serem sem substancia, nem fundo, em que se possa estribar. Ora occupar o tempo em explicar o claro he a mais insípida puerilidade.

Mas tornando ao meu intento se na realidade me tenho desviado delle repito, e mil vezes repitirei, que a melhor Eloquencia, ou Rethorica se póde vêr, e póde tirar das Sagradas Escripturas. Que póde haver de mais vivo, e ao mesmo tempo de mais simples do que o discurso de S. Paulo na presença de Agrippa? Permitti, que vos traduza ao pé da letra do Grego, e que faça alguns reparos com os quaes findarei esta Carta talvez demaziadamente comprida.

V. Act. Apost. Cap. 26.

- 1 E Agrippa disse a Paulo tens licença para fallar por ti. Entaõ Paulo estendendo a maõ se defendeu:
- 2 Oh Rey Agrippa, tenhome por ditoso havendo hoje de me defender perante ti de todas as couzas de que pelos Judeus estou accusado.
- 3 Muito principalmente por saber que tu hes bem experimentado em todos os costumes, e questoens, que há entre os Judeus: por cujo motivo te supplico me ouças com paciencia.

- 4 Sabem pois todos os Judeus a minha vida desde a meninice, que no principio era na minha nação em Jerufalem,
- 5 Conhecendome desde o principio (se quizerem testemunhar,) que conforme a mais acertada feita da nosla Religiaõ vivi Fariseu.
- 6 E agora estou para ser julgado por amor da esperança da promessa feita por Deus aos nossos Pais :
- 7 Para a qual os nossos doze tribus adorando de noite, e de dia com perseverança espera chegar : á cerca de cuja esperança, oh Rey Agrippa, estou agora accusado pelos Judeus.
- 8 Por que julgais incrível, que Deus resuscite aos mortos?
- 9 Eu na realidade julguei commigo, que tocando ao nome de Jezus Nazareno era preciso obrar muitas couzas contrarias.
- 10 O que tambem fiz em Jerufalem, e fechei em prizoens a muitos dos Santos tendo recebido poder dos principaes Sacerdotes; e contra elles condenados á morte dei o meu voto.
- 11 E muitas vezes castigando os por todas as sinagogas os obrigava a blasfemar; e excessivamente enfurecido contra elles os perseguia mesmo para as Cidades de fóra:
- 12 Nestes termos caminhando eu para Damasco com poder, e permissaõ dos principaes Sacerdotes,
- 13 Vi, oh Rey! pelo meio dia na estrada huma luz superior ao esplendor do Sol, que reluzia ao redor de mim, e dos que commigo caminhavaõ,
- 14 E prostrando nos todos por terra ouvi huma voz, que fallava commigo, e dizia na lingua Hebraica „ Saul, Saul por que me persegues? Hete duro dár com o pé contra os piques. „
- 15 E eu disse Senhor quem hes? Respondeu elle: Eu sou Jezus a quem tu persegues.
- 16 Sem embargo disto, levantate, e está em pé; sendo, que por isto fui visto por ti para te constituir Ministro, e testemunhas das couzas, que vês, e daquellas em que te hei de apparecer:
- 17 Escolhendo-te do povo, e dos gentios para os quaes agora te mando,
- 18 Para abrir os olhos delles em ordem a que se convertaõ das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus, para *assim* receberem elles remissaõ dos peccados, e herança entre os sanctificados pela Fé em mim.

- 19 Sobre isto oh Rey Agrippa não fiquei desobediente á visã celeste :
- 20 Mas anunciei primeiro em Damasco , e em Jeruzalem , e em toda a região de Judêa , e aos gentios , que se convertessem para Deus fazendo obras dignas de arrependimento.
- 21 Por estes motivos os Judeus pegando em mim no Templo procuráraõ matar-me.
- 22 Tendo pois conseguido soccorro de Deus estou até o dia de hoje testemunhando ao pequeno , e ao grande , não dizendo nada fóra do que os Profetas , e Moytes disséraõ havia de succeder.
- 23 Que Christo padecesse , que elle o primeiro da resurreiçaõ dos mortos houvesse de anunciar luz ao pòvo , e aos gentios.
- 24 Defendendo-se elle desta maneira gritou Festo com grande voz. Estás louco oh Paulo ? A tua muita doutrina te tem precipitado na loucura.
- 25 Mas elle disse. Não estou louco oh excellentissimo Festo , mas fallo as palavras da verdade , e da sobriedade ;
- 26 Por que destas couzas bem sabe El-Rey , ao qual ainda com liberdade fallo por quanto estou persuadido , que nenhuma dellas lhe he occulta visto , que isto não foi feito em algum canto.
- 27 Crês oh Rey Agrippa nos Profetas ? Sei que crês ,
- 28 Aqui disse Agrippa a Paulo , quasi que me persuades ser Chif-taõ ,
- 29 E Paulo disse Prouvéra a Deus , que não só tu , mas todos os que me ouvem hoje fosseis quasi , e totalmente como eu sou exceptuando estas prizoens.

Na Gazeta seguinte se dará a conclusã desta Carta.